

## ENTREVISTA

---

### 21º Congresso Mundial da WAS – Brasil 2013 Entrevista com a Dr<sup>a</sup> Jaqueline Brendler

*Por Sheila Reis*

Jaqueline Brendler presidiu o 21º Congresso Mundial de Saúde Sexual da WAS, ginecologista, especialista em sexualidade humana/SBRASH, certificação em sexologia pela AMB/FEBRASGO, mais de 75 trabalhos publicados, mais de 250 participações como oradora em congressos, presidente do Conselho Deliberativo da SBRASH, secretária da Comissão de Sexologia da FEBRASGO, vice-presidente da FLASSES, membro da AISM, Advisory Committe da WAS.

---

*Como presidente e uma das organizadoras do Congresso Mundial, realizado pela Associação Mundial para Saúde Sexual, qual a importância da realização do evento para a Sexualidade Humana, no Brasil? Quais foram os maiores desafios enfrentados?*

A proposta inicial da candidatura do Brasil ocorreu 10 anos antes do Congresso, durante a minha gestão como presidente da SBRASH. Nesse tempo houve muito trabalho, mudanças em relação à cidade sede, além de muitas reuniões no exterior com a WAS até o Brasil ser escolhido, sendo Porto Alegre a opção economicamente viável. Tenho muito orgulho de trazer um evento Mundial, depois de 20 anos que a WAS esteve no Brasil, com mais de 90 palestrantes internacionais, a preços possíveis de serem pagos por estudantes e educadores que dificilmente possuem condições de viajar ao exterior para participar dos eventos da WAS. Um dos desafios foi a compreensão inicial, por parte dos brasileiros, do modo da WAS escolher os palestrantes internacionais. No Brasil não é usual usar publicações como critério principal na escolha de palestrantes, uma vez que o governo não estimula muito as pesquisas, já na WAS esse é o principal meio de escolher os palestrantes. Em Porto Alegre a opção foi usar o indexador H para

decidir entre os indicados, isso foi uma novidade bem recebida no comitê científico local.

*Qual foi o balanço geral do Congresso (número de participantes, de países, trabalhos apresentados, repercussão no Brasil e no exterior).*

Participaram do Mundial da WAS em 2013 mais de mil colegas entre palestrantes, membros pagantes e jovens das atividades abertas à comunidade. Tivemos pessoas de 88 países, os palestrantes internacionais (mais de 90) eram de mais de 30 países diferentes, além de 19 brasileiros convidados a expor seu conhecimento e a discutir com os colegas.

A repercussão foi imensa, pois as entidades mais respeitáveis e poderosas que lidam com saúde sexual nas suas diversas áreas estiveram em setembro de 2013 no Mundial da WAS. Entre elas cito a OPAS, a Unesco, a OMS, a WPA, a ISSM, a WPATH, a AASECT, a SSSS, a FLASSES, a AISM, além da principal entidade de sexualidade da França, China e Japão. A SBRASH teve um simpósio, além dela foram convidados os colegas do CEpCos, do INPASEX e do CESEX.

Houve em todos os dias, com exceção do primeiro, mais de dez sessões oficiais, além dos temas livres. Foi elevado o padrão científico dos

mais de 600 trabalhos aprovados, sendo 255 orais e 299 pôsteres. No programa foram 76 sessões orais, sendo 45 indicadas pelos comitês científicos do congresso e 31 aprovadas para sessões de abstracts. Os resumos dos palestrantes e dos autores de temas livres foram publicados no *The Journal of Sexual Medicine* (versão on-line e em CD), esse foi outro ponto alto do congresso, a publicação dos resumos em um jornal de renome internacional.

Não posso deixar de mencionar a parte social que iniciou com o cocktail de abertura e o Gala Dinner, no Yatch Club Veleiros do Sul, no qual o ambiente descontraído permitiu confraternizar e dançar com os amigos por mais de 3 horas. Foi, em todas as áreas, um evento de alto nível.

*Conte-nos um pouco sobre a World Association for Sexual Health – WAS.*

É uma entidade sem fins lucrativos que desde 1978 tem sido a entidade global de maior destaque em defender e estudar a saúde e os direitos sexuais. É de caráter multidisciplinar e igualmente promove a educação sexual, o que é facilitado pela difusão dos conhecimentos gerados nos congressos mundiais em todos os continentes. Nos últimos anos, tornou-se envolvida na defesa de mudanças na política pública e de reconhecer a saúde e os direitos sexuais como ingredientes essenciais na saúde geral e de justiça social. Criou em 2010 o Dia Mundial de Saúde sexual a fim de divulgar a saúde sexual para todos, o que inclui o público leigo. Em 2014, atualizou a declaração dos Direitos Sexuais que defende e que passaram a ser em número de 16, estando eles traduzidos no website <http://www.worldsexualhealth.org>. É uma grande entidade. Todos os sexólogos e profissionais da área da saúde estão convidados para os eventos e a colaborar com a WAS.

*Como vê a sexualidade humana ser tratada nesses últimos anos, aqui no Brasil? Houve mudanças*

*significativas?*

Após o lançamento do sildenafil a profissão do sexólogo tornou-se mais conhecido do público leigo e por consequência aumentou a procura pelo consultório do sexólogo. Apesar disso, as pesquisas de 2014 relatam que mais de 60% de homens e mulheres negam os problemas sexuais. Ainda há preconceito e vergonha em admitir ter alguma disfunção/inadequação sexual, o que é piorado pelo fato de a maioria dos profissionais da área da saúde não perguntar sobre dificuldades sexuais durante as consultas. Segundo outras pesquisas nacionais e documentos internacionais sobre a saúde sexual, no Brasil são altos os números da violência sexual, da homofobia, das disfunções sexuais, além de falta de equidade. Há um grande trabalho a ser realizado pelo governo e pelos sexólogos nas próximas décadas.

*Na maioria das faculdades de medicina não há a disciplina sexualidade humana, nem como disciplina eletiva. Como fica a formação desse futuro urologista/ginecologista?*

Vivemos num mundo globalizado, dinâmico, e quais são as novas cadeiras nas faculdades de medicina? Sexualidade humana ou saúde sexual poderia ser uma delas.

Na ginecologia, a formação básica está na boa vontade de algum professor interessado em sexologia que se prontifica a dar aulas sobre sexualidade feminina e masculina. Na urologia os colegas recebem aulas apenas de sexualidade masculina. Muitas residências médicas de ginecologia optam por realizar um curso de sexualidade, em paralelo às disciplinas obrigatórias, conferindo certificado aos médicos residentes, pois é opcional. A grande novidade em Porto Alegre, nos últimos cinco anos, é alguns cursos de Psiquiatria que têm inserido nos programas científicos obrigatórios vários temas de sexualidade, e nos quais tenho a satisfação de ser professora convidada.

A formação mais especializada sexológica

o médico irá obter em cursos de pós-graduação em sexologia clínica ou nos cursos de formação em psicoterapia direcionadas à área sexual.

*Após esses quase vinte atuando na área da sexualidade humana, na clínica, em organizações e comissões científicas nacionais e internacionais, quais são os desafios ainda enfrentados?*

Tem sido muito gratificante esse trabalho gratuito nas sociedades científicas em diferentes cargos e comissões que tem ocupado de 20% a 40% do meu tempo de trabalho. É desafiador e encantador trabalhar com colegas de outras culturas, com outras experiências curriculares e profissionais como também usar somente o espanhol e principalmente o inglês durante o trabalho, pois tive primeiro cargos mais importantes da WAS e posteriormente na FLASSES. Penso que sempre é possível evoluir como ser humano e também profissionalmente, então os desafios são todos bem-vindos.

*Como médica e sexóloga, o que dizer para os novos profissionais médicos, que estão entrando para área da Sexualidade Humana?*

Sexualidade Humana requer muita dedicação, temos que estar atentos ao mundo, não há como fazer apenas alguma pós-graduação e simplesmente iniciar a atender sexologia. O dia a dia “prático” da sexologia pode não estar presente em algumas pós-graduações. A supervisão, no primeiro ano do consultório, pode ajudar. Penso que o ideal é vincular-se ao algum grupo de estudos multidisciplinar, assim o colega médico terá a vantagem de conviver com psicólogos e a sua visão da sexualidade, além de continuar a estudar. Paixão e estudo constante, essa é a minha receita aos novos colegas.

Sheila Reis  
Psicóloga e mestre em Sexologia  
Vice-presidente da SBRASH – biênio 2014/15